
O ‘Caso Cuca’ e inversão da Teoria do Agendamento através do ambiente virtual¹

Felipe Priante²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo: Este trabalho tenta elencar os fatores através dos quais poderemos afirmar que o jornalismo esportivo brasileiro viu o anúncio da contratação de Cuca para ser o novo treinador do Corinthians de certa forma inverter a Teoria do Agendamento (Agenda-setting) por conta da influência cada vez maior do ambiente virtual e do seu poder de não apenas pautar o que se discute na sociedade, seja pessoal ou virtual ou pessoalmente, mas também pautar a própria imprensa.

Palavras-chave: jornalismo; teoria do agendamento; espiralização; ambiente virtual; representatividade.

Introdução

Ex-jogador profissional e atualmente trabalhando como treinador de futebol, Alexi Stival, mas conhecido como Cuca, esteve sob os holofotes da imprensa em abril deste ano, quando foi anunciado como o novo técnico do Corinthians. Condenado em 1989 pela Justiça suíça a 15 meses de prisão por um caso de estupro em Berna, dois anos antes, junto com mais três jogadores do Grêmio, clube pelo qual jogava na época, Cuca viu a influência cada vez mais crescente do ambiente virtual de certa forma inverter a Teoria do Agendamento, com o público em geral, organizações sociais (de torcida ou não), formadores de opinião e diversos outros atores, conseguiram fazer ecoar mais suas vozes e suas opiniões, forçando o jornalismo esportivo brasileiro dar uma atenção mais atualizada ao ocorrido mais de 30 anos atrás.

Com várias manifestações contrárias à contratação de Cuca pelo clube paulista, cuja própria instituição, tal como sua torcida, tem procurado cada vez mais dar voz às mulheres envolvidas no esporte, entre elas a promoção da *hashtag* #RespeitaAsMina, em uma campanha que começou em 2018, a imprensa esportiva acabou pautada pela agenda das redes sociais. O assunto deixou de ser abordado como apenas mais uma contratação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP). e-mail: priante@gmail.com

de técnico, voltou em um *looping* para que a imprensa pudesse observá-lo como um olhar que refletisse mais os anseios sociais e acabou espiralando ao ganhar novos contornos através das mudanças sociais pelas quais passamos nos últimos anos.

A maior representatividade feminina na sociedade, com questões como abuso e estupro ganhando não apenas mais relevância, mas também um outro olhar, mais o crescente número de mulheres nas redações esportivas pelo Brasil foi um ponto crucial para que a abordagem ao ‘Caso Cuca’ fosse atualizada e ressignificada, com a publicação de matérias jornalísticas com conteúdo mais aprofundado e totalmente diferente do que foi visto desde 1987, quando o ‘Escândalo de Berna’ foi noticiado pela primeira vez, até então, em uma clara mudança de paradigma.

Mas a mudança maior é mesmo a questão do ambiente virtual, com redes sociais e comentários nas notícias, que inverteu a Teoria do Agendamento, na qual os meios de comunicação influenciam diretamente os assuntos mais discutidos e relevantes na sociedade. Esta primazia ainda segue válida nos tempos atuais, porém em menor intensidade e de uma forma totalmente diferente, sendo que observamos um número cada vez maior de agentes neste ecossistema comunicacional, que deixou de ser unidirecional e agora trabalha em uma lógica de mão dupla, com a imprensa agendando os assuntos discutidos na sociedade, mas também com a sociedade cada vez mais influenciando tanto nas pautas jornalísticas como nos enfoques que lhe são dados.

Teoria do Agendamento

Uma das teorias da Comunicação mais estudadas pelos pesquisadores da área, a Teoria do Agendamento (*Agenda-setting*) continua relevante até os tempos atuais e inclusive ganhou novos atores com o advento da internet e seu ambiente virtual, principalmente em função da interatividade das redes sociais, que dão aos integrantes da sociedade a possibilidade não apenas de influenciar certas agendas na discussão virtual, mas também de influenciar a própria cobertura da imprensa.

A Teoria do Agendamento nasceu como uma hipótese na década de 1970 e desde então tem sido alvo de centenas de investigações acerca da relação da mídia com seu público, “focando-se em compreender a influência dos *mass media* na opinião pública e na construção da imagem que as pessoas têm da realidade” (CASTRO, p.198). Apoiados

em estudos anteriores, como os de Walter Lippmann e Robert Park, para identificar os efeitos dos meios de comunicação na sociedade, McCombs e Shaw organizaram e nomearam o conceito.

As bases teóricas da Teoria do Agendamento partiram do estudo da comunicação política, que analisou os efeitos de comunicação de massas, mostrando que seu resultado não era um processo de persuasão, mas sim da presença de determinados conhecimentos e informações sobre o meio político na opinião pública (FORMIGA, 2006).

O artigo intitulado *'The Agenda-Setting Function of Mass Media'*, no qual McCombs e Shaw descreveram resultados das pesquisas realizadas em duas campanhas presidenciais norte-americanas, que definiu o conceito e a relação entre os “meios de comunicação de massa e as prioridades temáticas manifestadas pelos membros de uma audiência depois de receberem o impacto destes meios” (FORMIGA, p.19).

“Talvez essa função hipotética de definição de agenda da mídia de massa seja constatada de forma mais sucinta por Cohen, que observou que a imprensa ‘pode não ter sucesso na maior parte do tempo em dizer às pessoas o que pensar, mas é incrivelmente bem-sucedido em dizer a seus leitores sobre o que pensar’ (...) A mídia parece ter exercido um impacto considerável sobre os julgamentos dos eleitores e sobre o que eles consideravam as principais questões” (MCCOMBS e SHAW, p.177).

Contudo, as questões de influência se pluralizaram com o advento da internet e o ambiente virtual, alterando profundamente a relação entre a imprensa e a sociedade, com seus indivíduos agora ganhando voz e espaço através das redes sociais. Com isso, o papel de quem influencia quem tornou-se difícil de identificar.

“Em vez de do que ser consumidores passivos do conteúdo da mídia tradicional, os usuários estão se tornando mais ativamente envolvidos na criação de conteúdo e fornecendo recursos para a mídia tradicional” (BORAH e SU, p.1). Porém, ainda há estudiosos permaneçam céticos ao analisar tal relação, enfatizando que a mídia tradicional continua influente, afirmando que as mídias sociais apenas ecoam pauta da mídia tradicional (BORAH e SU, 2019).

O papel de agenciador de assuntos não é mais primazia da mídia tradicional, como a imprensa, dividindo essa tarefa com outros atores como as redes sociais. E o campo fica ainda mais complexo ao notarmos que há certa reciprocidade entre estes dois, com a imprensa pautando o que se fala nas redes sociais e as redes sociais também pautando a

imprensa, como podemos observar no ‘Caso Cuca, em que a repercussão dos comentários sobre o assunto, trazendo novamente a questão do estupro ocorrido mais de 30 anos atrás, fez com que o jornalismo esportivo retomasse essa pauta em sua cobertura diária.

Tudo isso vai ao encontro das conclusões que BORAH e SU (2019) tiraram de seu estudo, em que afirmam que mídias sociais e mídias tradicionais são capazes de desempenhar um papel dominante em influenciar sua contraparte em termos de agendamento. A mídia tradicional se beneficiaria de prestar atenção às opiniões públicas online, enquanto os usuários de mídias sociais podem se beneficiar e assim construir uma interação bidirecional de longo prazo entre eles.

Este caráter de mão dupla apresentado através da internet, suas plataformas e redes sociais, definitivamente mexeu com a questão do agendamento. “Os estudiosos começaram a examinar o transbordamento (Pfetsch & Adam, 2011) do conteúdo *on-line* gerado pelo usuário que se cruza com as agendas da mídia profissional tradicionalmente *off-line*” (GROSHEK e GROSHEK, p.5). Assim, as redes sociais se tornaram capazes também de construir e definir agendas de mídia tradicionais.

Também é importante destacar uma abordagem mais atual da Teoria do Agendamento, com influência indireta e direta de fatores sociodemográficos em seu processo, no qual as audiências “consomem informação advinda dos *mass media* indiretamente, através da interação com grupos sociais, e, mais especificamente, de pessoas mais bem informadas, ou influenciadores, isto é, os líderes de opinião”. (BARBOSA, p.41).

A criação do conceito de ‘líderes de opinião’ mostra a incidência de um novo olhar sobre a sociedade, nos levando a um “modelo chamado de ‘dois estágios’ ou ‘duplo fluxo’, em que o processo de comunicação se dá em dois níveis: dos meios de comunicação aos líderes de opinião e desses líderes aos demais indivíduos” (MAGALHÃES, p.29). Nesta visão, a influência dos meios de comunicação passa por um funil representado na figura do líder de opinião, um fator a mais que deve ser levado em consideração e que mais à frente será mais bem detalhado quando abordarmos tanto a questão do jornalismo como sistema de perito e também ao falarmos sobre a importância da representatividade crescente na imprensa esportiva, com cada vez mais mulheres fazendo parte das redações.

Apesar da maior influência das mídias sociais e até dos líderes de opinião neste ecossistema comunicativo, todas elas ficando mais evidente com o passar dos tempos, a agenda do público ainda não chegou a alterar drasticamente as agendas da mídia tradicional, ao passo que a distância de editores e jornalistas como guardiões dos fluxos de notícias e informações para o público claramente diminuiu (GROSHEK e GROSHEK, 2013). Ou seja, os padrões de agendamento de mídias tradicionais e sociais vão se misturando e fluindo com o tempo, com maior reciprocidade em certos assuntos, como acabou ocorrendo no ‘Caso Cuca’.

Recursividade, loop e espiralização

Com esta nova dinâmica entre imprensa e o ambiente virtual, quase que cíclica, podemos classificar tais relações como algo recursivo ou em loop, alcançando uma forma de espiral quando o ciclo não apenas se completa, mas também alcança novos planos e vai se ressignificando, assim como aconteceu com o caso de estupro envolvendo Cuca. Se na época do ocorrido ele foi tratado sem a importância que julga ser necessária a sociedade atual, com valores diferentes daqueles de mais de três décadas atrás. A partir de toda repercussão, o jornalismo se sensibilizou e buscou abordagens diferentes das que havia feito até então.

A Recursividade pode ser lida como um termo geral para o processo de looping, porém, espiralando eventos e não meramente os repetindo, ou seja, aplicando contingência a cada cálculo (PRADO CARDOSO, 2021). A partir dessa visão, notamos que atualmente vivemos em uma constante ressignificação dos assuntos e uma relação nebulosa entre jornalismo e as mídias sociais quando o assunto é o agendamento, conforme dito antes, com influência recíproca de uma na outra. Estamos envoltos em ‘loops de mídia’, em que uma imagem se torna o conteúdo de outra em outro lugar e a assim sucessivamente (FERRELL, HAYWARD e YOUNG, 2008).

O termo ‘recursão’ tem várias nuances, mas vamos entendê-lo em termos de reflexividade como aponta Yuk Hui, referindo-se a ele como “um movimento reflexivo não linear que se move progressivamente em direção a seu tólos, seja ele predefinido ou autoimposto” (HUI, p.66). O autor também destaca que o *feedback* é uma causalidade recursiva, algo circular que, de certa forma, permite um tipo de autorregulação.

Quando olhamos com mais atenção ao caso central desta análise, percebemos como tal construção de recursividade, loop e espiralização aconteceu. Começamos com o primeiro fato, que é a contratação de Cuca pelo Corinthians, noticiado amplamente pela mídia esportiva. Depois seguimos para o segundo momento, que foi a repercussão através do ambiente virtual, em sua maioria com os torcedores corinthianos questionando a escolha por um treinador com uma condenação passada por estupro, indo de encontro com alguns valores defendidos pelo clube recentemente, principalmente com o uso da *hashtag* #respeitaasminas nas redes sociais. O terceiro momento vem justamente com as redes sociais imprensa, que noticiou a contratação e que então passou não apenas a reproduzir a indignação de parte da torcida, como também se aprofundou no assunto e produziu matérias mais profundas sobre ele.

Neste momento fica claro que o ‘Caso Cuca’ não apenas passou por um loop, partindo da imprensa, alcançando as redes sociais e voltando para a própria imprensa, mas também foi espiralizado, uma vez que o jornalismo o ressignificou e o levou a um novo patamar. “Espiralizando desta forma, o próximo loop de significado nunca volta, continua se movendo e se afastado para novas experiências e novas percepções” (FERRELL, HAYWARD e YOUNG, p.18).

Instigada pelas manifestações no ambiente virtual, não apenas calcado nas redes sociais, mas em outras plataformas, como os comentários das próprias notícias, a imprensa esportiva brasileira iniciou o movimento de espiralização ao abordar o assunto de uma maneira diferente, o levando a outro patamar, por exemplo quando entraram em contato com o advogado da vítima, algo em mais de 30 anos ainda não havia sido feito. A partir que se iniciou o que podemos chamar de uma quebra de paradigma no assunto, ele foi tomando novas proporções e a espiral assim foi formada e continuou crescendo.

Ambiente virtual, tecnologia e novas mídias

Fundamental para a construção dos dois pontos anteriormente citados, a tecnologia, que nos proporcionou as novas mídias e o desenvolvimento do ambiente virtual como estamos vendo agora, é outro fator absolutamente relevante nesta análise, sem ela muito provavelmente as relações da imprensa com o histórico de estupro de Cuca continuariam as mesmas das mais de três décadas passadas.

De acordo com Marshal McLuhan, “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas” (MCLUHAN, p.22). Ele também destaca que o meio configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas, ao mesmo tempo que trabalha no intercâmbio de informações e operam no sentido da fragmentação da estrutura tribal.

Podemos entender tal fragmentação da estrutura, nos dias atuais, como a mudança da relação entre mídias e sociedade, fazendo com que as pessoas ‘comuns’ consigam fazer reverberar mais seus anseios e suas opiniões. Os indivíduos imersos no ecossistema virtual, com diversos conteúdos públicos acessíveis pela rede, são incitados a aumentar seu arcabouço informativo a respeito e também a propor aos outros cibernautas uma reflexão sobre o assunto (LÉVY, 1996).

O virtual é um modo de ser particular que promove transformações e “põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata” (LÉVY, p.2). É através dele que os indivíduos superam de certa forma as barreiras físicas e se conectam entre si mais facilmente, criando novas maneiras de tentar fazer com que sejam ouvidos, com que suas questões alcancem proporções maiores.

Em uma sociedade cada vez mais conectada e com valores bem diferentes do passado, principalmente em relação à quando ocorreu o caso de estupro envolvendo o então jogador de futebol e agora treinador Cuca, criou-se um ambiente mais favorável a uma cobrança por olhares distintos e ressignificados em relação ao que acontecera em 1987. “O computador é, portanto, antes de tudo, um operador de potencialização da informação” (LÉVY, p.23).

Com o avanço das tecnologias e a mudança dos paradigmas comunicacionais, estamos testemunhando o surgimento de um novo meio, o metameio do computador digital. Além disso, a linguagem destas novas mídias ao mesmo tempo que se baseia em formas e linguagens culturais mais antigas, também busca maneiras de romper com elas (MANOVICH, 2001). Em um ambiente que facilita, de certa forma, a troca na esfera pública, a relação entre imprensa e cidadãos se modificou, ficou mais fluida e volátil

“Hoje estamos no meio de uma nova revolução da mídia - a mudança de toda a nossa cultura para formas de produção, distribuição e

comunicação mediadas por computador. Esta nova revolução é indiscutivelmente mais profunda do que as anteriores e estamos apenas começando a sentir seus efeitos iniciais (...) a revolução da mídia do computador afeta todos os estágios da comunicação” (MANOVICH, p.43).

Este impacto causado pela revolução midiática e sua linguagem em tempos de redes sociais fica claro quando retomamos a questão da Teoria do Agendamento em conjunto com a recursividade, observando que graças ao ambiente virtual que os indivíduos em geral conseguem alcançar uma capacidade muito maior de conseguir influenciar a imprensa e emplacar suas pautas e abordagens não tão convencionais ou dominantes.

Segundo LÉVY, todos os textos públicos acessíveis pela rede Internet fazem virtualmente parte de um mesmo imenso hipertexto em crescimento, são acessíveis por uma rede informática e são poderosos instrumentos de ‘escritaleitura’ coletiva. Para ele, cada indivíduo é incitado a propor aos outros cibercidadãos um ponto de vista sobre o conjunto, uma estrutura subjetiva. “O ciberespaço oferece objetos que rodam entre os grupos, memórias compartilhadas, hipertextos comunitários para a constituição de coletivos inteligentes” (LÉVY, p.89).

Graças às novas mídias e suas plataformas, a correlação de forças entre imprensa e público ficou um pouco mais opaco por conta da multiplicidade e ambiguidade dos fatores, entre eles dos próprios sujeitos, que não mais formam uma massa como em outros tempos. Quando falamos do campo virtual, a coletividade se torna ‘não-presente’, se desterritorializa, os indivíduos são totalmente independentes do espaço-tempo de referência (LÉVY, 1996).

Neste panorama, pegamos emprestado o conceito de “enxame” proposto por Byung-Chul Han, que consiste em indivíduos singularizados, que podem se fundir em uma certa unidade, mesmo sem ter perfil próprio, virando aglomerado contingente de pessoas que não necessariamente criam juntos uma sensação de ‘nós’.

Embora não possamos desconsiderar a importância de ações coletivas devidamente orquestradas e não apenas ocorridas por acaso através das redes sociais, como por exemplo manifestações de grupos de torcedores e até do time feminino do Corinthians, é através do enxame digital que a proporção do ‘Caso Cuca’ foi além, uma vez que extrapolou e ajudou a propiciar um maior engajamento dos produtores de

conteúdo, posto que em situações similares em anos anteriores, a abordagem da imprensa não foi a mesma.

“As ondas de indignação são eficientes em mobilizar e compactar a atenção. Por causa de sua fluidez e volatilidade elas não são, porém, apropriadas para organizar o discurso público, a esfera pública” (HAN, p.11). Um ambiente virtual cada vez mais sólido e influente no agendamento, com grande volume de comentários sobre o assunto, se mostrou capaz de levar repercutir a situação a um ponto que de certa forma impulsionou a imprensa a repensar as formas de abordar o assunto.

Conforme afirma HAN, hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos em consumir informações passivamente, somos simultaneamente consumidores e produtores. A sociedade de opinião e de informação de hoje se apoia em uma comunicação desmediatizada, todos produzem e enviam informação, a desmediatização da comunicação faz com que jornalistas tenham perdido um pouco seu papel de ‘fazedores de opinião’. A comunicação digital toma não apenas forma espectral, mas também viral. Uma informação ou um conteúdo, mesmo que tenha uma significância muito pequena, se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia. Nenhuma outra mídia é capaz desse contágio viral.

Jornalismo como sistema perito

Apesar deste ambiente virtual colocar um pouco em xeque o papel do jornalismo como um *gatekeeper* do que é notícia, principalmente saindo da crítica feita por HAN, na qual as mídias digitais fazem com que “jornalistas, esses antigos representantes elitistas, esses ‘fazedores de opinião’ e mesmo sacerdotes da opinião, pareçam completamente superficiais e anacrônicos” (HAN, p.15), notamos que a importância deste papel foi em parte reforçada, uma vez que a imprensa não somente se limitou a repercutir o que as redes sociais comentavam sobre o histórico do treinador, mas conseguiu trabalhar a notícia de uma forma inédita, mudando a abordagem para mais do que apenas lembrar e contextualizar o fato, trazendo novidades, informações que em mais de 30 anos ainda não tinham sido apuradas.

As matérias produzidas não apenas revisitaram o ocorrido em Berna, em 1987, mas também tomaram outras proporções, como em 25 de abril, quando foi amplamente divulgada notícia em que o advogado de acusação afirma que vítima reconheceu Cuca como estuprador (WILKSON, 2023). Outro exemplo que pode ser destacado aconteceu em 26 de abril, quando veio à tona mais novidade sobre a vítima, que segundo seu advogado, teria tentado cometer suicídio após o ocorrido (WILKSON, 2023).

Conforme já anteriormente citado, houve uma mudança nos últimos tempos na relação entre imprensa e público quando o foco são as notícias, com uma influência muito maior da sociedade no processo de *gatekeeping*, que segundo BURNS pode ser dividido em três estágios: entrada (filtro sobre o que deve ser apurado e o que não), saída (o que é publicado e o que não é) e resposta (relação ao público). Por isso, o autor propõe substituir o termo *gatekeeping* por *gatewatching*, que condiz melhor com o panorama atual da multiplicação contínua de canais disponíveis para publicação e disseminação de notícias.

Por causa do ambiente digital e da enorme quantidade de informação publicada na internet, o jornalista deixou de ser o guardião das notícias, mas ainda sim tem papel importante “destacando do noticiário, agora massivamente ampliado, aquelas histórias que são consideradas mais importantes” (BURNS, p.120).

Como as plataformas de mídia social servem para acelerar ainda mais a velocidade com que as notícias são compartilhadas, os jornalistas não conseguem manter a primazia de filtrar o que chega ao público em geral, mas agora passam a ter um outro papel importante de filtragem. Fazem parte de uma ampla gama de grupos sociais e atores envolvidos com as notícias e “devem trabalhar mais para demonstrar o valor agregado que fornecem aos usuários de notícias por meio de seus esforços profissionais de investigação, curadoria e comentários” (BURNS, p.132).

Podemos então dizer que no ‘Caso Cuca’ houve uma reafirmação do jornalismo, entendido em sentido amplo, como produção e veiculação de notícias por quaisquer meios como sistema perito, que inclui uma prática específica e um produto final, trazendo à tona informações apuradas através de seus critérios (MIGUEL, 1999). Os sistemas de peritos, que segundo Anthony Giddens são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS, p.30).

“A rigor, na maioria das vezes não se trata da correção ou incorreção na escolha das notícias, mas da imposição de um conjunto de critérios. A imprensa impõe à sociedade seus critérios de seleção de informações” (MIGUEL, 1999). Foi isso o que vimos nas notícias envolvendo Cuca durante sua polêmica e breve passagem como treinador do Corinthians. Neste período, as redes sociais estavam efervescentes falando sobre seu passado, com muitas opiniões a este respeito, mas as novidades e o enfoque diferente relacionado ao assunto só vieram mesmo por conta do jornalismo profissional.

Mesmo em uma sociedade cada vez mais dinâmica, com extrema rapidez no deslocamento das “relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço” (GIDDENS, p.24), o jornalismo reforçou seu papel nas instituições sociais modernas como um sistema de perito mostrando competência profissional. Tudo isso mesmo com a reflexividade da vida social moderna, que “consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas” (GIDDENS, p.39).

Porém, é importante também salientar que o momento de crise paradigmática em que vivemos desestabilizou o sistema de peritos “em um contexto de desorganização epistêmica profunda, no qual a comunidade científica e o sistema de peritos de modo mais amplo deixam de gozar da confiança social e da credibilidade que antes detinham” (CESARINO, p.77/78).

Confirme anteriormente observado e reforçado por CESARINO, houve um enfraquecimento de intermediários e da mediação em relação à circulação de informação na esfera pública, fragilizando o sistema de peritos e a mídia tradicional. Apesar disso, podemos enxergar que o jornalismo, ainda que pontualmente, conseguiu se tornar o que a autora chama de uma ordem emergente por trás da desordem aparente.

Representatividade

Um aspecto crucial para que a abordagem sobre a polêmica contratação de Cuca pelo Corinthians, por causa do passado do técnico, tivesse uma mudança em relação aos mais de 30 anos anteriores, é a representatividade dentro das redações, que pouco a pouco retratam melhor a sociedade como um todo. O aumento do número de jornalistas

mulheres trabalhando com o jornalismo esportivo é, especificamente nesta situação, fator crucial e que precisa ser destacado.

Uma visão feminina de um caso tão delicado trouxe uma nova ótica para apuração e realização de novas reportagens, entre tantos nomes vale destacar o da jornalista Ana Thaís Matos, uma das vozes mais ativas nas análises mais atuais do ‘Caso Cuca’. A partir da democratização da problemática feminista, a imprensa passa a se repensar, subvertendo os modos de objetivação jornalística calcada no racismo/sexismo epistêmico, conferindo assim uma maior legitimidade social (MORAES e VEIGA DA SILVA, 2019).

Ao analisar as notícias como realidade construída, TUCHMAN observa que por um lado a sociedade ajuda a moldar a consciência e por outro lado, através de sua apreensão intelectual dos fenômenos do mundo social, os homens e as mulheres constroem e constituem coletivamente os fenômenos sociais. Cada uma destas perspectivas implica uma abordagem diferente das notícias.

“As notícias refletem a sociedade: as notícias apresentam à sociedade um espelho de suas preocupações e interesses” (TUCHMAN, p.93). De certa forma foi isso que vimos ao observar todos os atores envolvidos no assunto debatido. Com as mudanças sociais, cada vez mais pedindo por pautas relacionadas a gênero e raça, e também uma maior diversidade nas redações, ainda que não a ideal, notamos que o jornalismo passa a retratar com um pouco mais de fidelidade e com um olhar mais plural as notícias. “Quando consideramos que não existe um discurso hegemônico estável e estruturado de maneira permanente, o trabalho cotidiano dos jornalistas é o de lapidar consensos” (BIROLI e MIGUEL, p.33).

No momento em que há mais espaço para a perspectiva feminista dentro das redações, bem como das vertentes decoloniais, surgem novos vieses para refletir sobre a produção discursiva, que ajudam a complexificar as noções de diferença. Tais perspectivas são essenciais para questionar “valores hegemônicos que não apenas são reproduzidos, mas fundamentam a epistemologia dominante e os modos de produção do conhecimento validado (como o Jornalismo)”. (MORAES e VEIGA DA SILVA, p.7).

É a partir deste pensamento mais plural, que MORAES e VEIGA DA SILVA trazem para a discussão alguns exemplos do quanto o jornalismo ainda opera nas tramas da colonialidade do poder, que relegou às margens parcelas gigantescas das populações,

muito especialmente as mulheres, os negros, os indígenas. A busca por maior representatividade se mostra fundamental no jornalismo moderno, podendo assim tratar de forma mais adequada temas complicados como um caso de estupro.

“Sugerimos uma virada epistemológica em que a prática jornalística preveja a subjetividade como uma ferramenta para a descolonização dos conhecimentos do Jornalismo.” (MORAES e VEIGA DA SILVA, p.3). É justamente esta virada epistemológica que vimos de forma clara no noticiário envolvendo Cuca e o estupro do qual foi acusado em 1987 e condenado pela Justiça suíça em 1989.

Uma rápida busca no Google (em 26/07/2023) prova que tal mudança não veio apenas de qualitativa, conforme tentamos explicitar no decorrer deste trabalho, mas também de forma quantitativa, uma vez que o número de notícias com os termos “Cuca + estupro” encontrou aproximadamente 1.170 resultados de notícias anteriores a abril de 2023, mês no qual o treinador foi contratado pelo Corinthians e em menos de uma semana encerrou seu vínculo com o clube, e aproximadamente 1.550 resultados de notícias de abril de 2023 até então, período que sequer tem quatro meses inteiros.

Tudo isso vai ao encontro do que a filósofa Djamila Ribeiro traz em sua obra ao abordar o conceito de 'lugar de fala', que refuta a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes (RIBEIRO, 2017). A abordagem mais voltada às minorias e sua ausência de espaço de fala na sociedade em sua obra, evidencia que conforme tal espaço vai sendo conquistado, suas vozes acabam ecoando com maior repercussão.

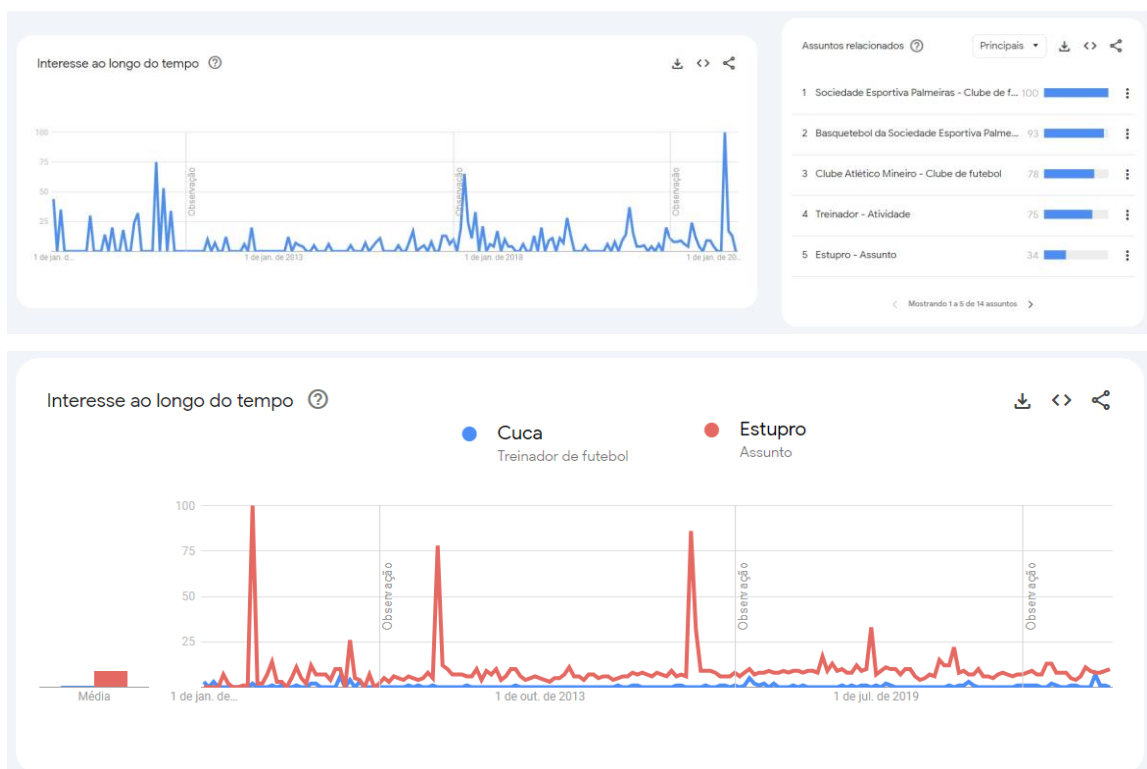
“Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal” (RIBEIRO, p.35). Ela assim reivindica diferentes pontos de análises, uma vez que não poder acessar certos espaços acarreta não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços, dificultando a possibilidade de transcendência.

Outro ponto destacado pela autora é a importância que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado têm em termos de *locus social* e que “consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados” (RIBEIRO, p.35). Fazendo um paralelo com o caso estudado, serviria de lembrete para o jornalismo esportivo brasileiro que a maior presença feminina sirva não somente para trazer olhares novos para as

matérias, mas também para mudar o olhar em si da cobertura da imprensa, fazendo com que ela reflita com cada vez mais clareza os anseios da sociedade como um todo e não apenas das camadas dominantes.

Outros dados e considerações finais

Além dos números acima citados em relação à busca “Cuca + estupro” no Google, que encontrou mais notícias depois de abril de 2023 do que antes, alguns outros dados valem ser destacados. Através da ferramenta Google Trends, podemos observar que as buscas pelo treinador de futebol tiveram seu ápice histórico justamente no mês de abril, quando vimos o ápice de produções noticiosas a respeito do caso de estupro. Também é importante salientar que nos “assuntos relacionados” às buscas por Cuca, o assunto “estupro” aparece com destaque na quinta colocação (gráfico 1). Porém, quando comparamos historicamente buscas por “Cuca” e “Estupro”, notamos que não houve relação no aumento da segunda no pico da primeira, em abril de 2023 (gráfico 2).



Outro ponto importante que precisa ser abordado e vai ao encontro do assunto principal desta pesquisa é o crescente interesse da mídia em abordar com mais profundidade outros casos de estupro envolvendo grandes nomes do futebol nacional,

como tem ocorrido com Daniel Alves e principalmente Robinho, que tem uma condenação em segunda instância contra si na Itália e cujo caso ganhou uma cobertura mais afiada ultimamente e até virou uma série de podcasts no UOL.

Este movimento do jornalismo esportivo brasileiro só corrobora com o que já foi dito anteriormente, mostrando uma mudança de paradigma na cobertura de assuntos que antes eram meio que renegados ou noticiados sem o peso devido. As mudanças sociais e na presença maior de mulheres nas redações, juntas, ajudam a explicar o porquê desta nova abordagem da imprensa.

A relevância do ambiente virtual, principalmente das mídias sociais neste processo é de fundamental importância também. Conforme vimos, é a partir de um contato intenso e uma troca mais fluida entre a imprensa e a sociedade, ainda que não de forma totalmente direta, contando muitas vezes com o intermédio de formadores de opinião, que os indivíduos conseguem de alguma forma colocar mais sua agenda nas mídias tradicionais, que perderam um pouco a primazia no agendamento dos assuntos mais relevantes para a população, mas ainda assim são os principais atores neste campo, se utilizando agora das respostas de seu público justamente para manter sua posição.

Bibliografia

BARBOSA, Jan Alyne. **Agenda-Setting assente em bases de dados e algoritmos: bases conceituais e metodológicas para operacionalizar a percepção de importância de temas, predicados e agendas de usuários de sistemas e ambientes informativos da web**. Dissertação (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/51113/1/Jan_Alyne.pdf. Acesso em: 23 jul. 2023.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Orgulho e preconceito: a "objetividade" como mediadora entre o jornalismo e seu público. **Opinião Pública**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 22–43, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8641396>. Acesso em: 26 jul. 2023.

BORAH, Porismita e SU, Yan. Who is the agenda setter? Examining the intermedia agendasetting effect between Twitter and newspapers. **Journal of Information Technology & Politics**. v. 16, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19331681.2019.1641451>. Acesso em: 14 jul. 2023.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatwatching, real-time feedback: new challenges for Journalism. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 117–136, 2011. DOI: 10.25200/BJR.v7n2.2011.355. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/355>. Acesso em: 23 jul. 2023.

CASTRO, Davi de. Agenda-setting: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos. **Intexto**, Porto Alegre, n. 31, p. 197-214, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/46390>. Acesso em: 14 jul. 2023.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73–96, 2021. DOI: 10.5007/2175-8034.2021.e75630. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75630>. Acesso em: 26 jul. 2023.

FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; YOUNG, Jock. **Cultural Criminology: An Investigation**. [s.l.] Sage Publications, 2008.

FORMIGA, Fábio de Oliveira Nobre. **A evolução da hipótese de agenda-setting**. 2006. 93 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Editora Unesp, 1991.

GROSHEK, Jacob e GROSHEK, Megan. **Agenda Trending: Reciprocity and the Predictive Capacity of Social Network Sites in Intermedia Agenda Setting across Issues over Time**. Janeiro 2013. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=2199144>. Acesso em: 18 jul. 2023.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

MAGALHÃES, Davi de Castro de. **Agenda-setting e internet: tendências e perspectivas de pesquisa**. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**, Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 2001.

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. “**The Agenda-Setting Function of Mass Media.**” **The Public Opinion Quarterly**, vol. 36, no. 2, 1972, pp. 176–87. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/2747787>. Acesso em: 5 jul. 2023.

MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Rio de Janeiro: Cultrix. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7574187/mod_resource/content/1/MCLUHAN%2C%20Marshall%20-%20Os%20Meios%20de%20Comunicac%CC%A7a%CC%83o%20como%20Extenso%CC%83es%20do%20Homem.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

MIGUEL, Luis Felipe. **O jornalismo como sistema perito**. *Tempo Social*, v. 11, n. 1, p. 197–208, maio 1999.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: XXVIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28, 2019. **Anais...** Porto Alegre: Compós, 2019.

PRADO CARDOSO, Eduardo. Repetições da Violência na Arte de Vitória Cribb e Welket Bungué. **Vista**, [S. l.], n. 8, p. e021012, 2021. DOI: 10.21814/vista.3594. Disponível em: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/3594>. Acesso em: 19 jul. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

TUCHMAN, Gaye. As notícias como uma realidade construída. In: Pissarra, E. J. (org.). **Comunicação e Sociedade – os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa**. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

Internet

GOOGLE: <https://www.google.com>. Acesso em: 26 jul. 2023.

GOOGLE TRENDS: <https://trends.google.com.br>. Acesso em: 26 jul. 2023.

WILKSON, Adriano. '**A vítima reconheceu Cuca como estuprador**', diz advogado suíço do caso. UOL, 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/04/25/a-vitima-reconheceu-cuca-como-estuprador-diz-advogado-suico.htm>. Acesso em: 23 jul. 2023.

WILKSON, Adriano. '**Vítima de estupro de Cuca na Suíça tentou cometer suicídio**'. UOL, 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/04/26/vitima-de-estupro-de-cuca-na-suica-tentou-cometer-suicidio-diz-advogado.htm>. Acesso em: 23 jul. 2023.